

## 15. A Conquista do México

**bono e edge desorientados pelo controle remoto / larry guarda ressentimentos da sua imagem de motos e garotas / o reino escondido / os corretores do poder aparecem / amor entre latinos / cada limusine, um carro de fuga**

NÃO HÁ nada mais horrível do que acordar com uma chamada às 8 da manhã. O U2 trabalhou em seu especial de TV até às 4 e depois arrastou-se de volta para o hotel. Agora, cinco horas depois, os exaustos músicos estão resmungando em frente às suas xícaras de café, na cafeteria do Sunset Marquis, os olhos fechados de tão inchados e os queixos cortados por se barbearem sonolentos. Eles mordiscam bolinhos e bebem apenas café descafeinado para poderem dormir no avião para a Cidade do México. Adam, com seu moicano loiro começando a crescer dos lados, está vestindo um traje vermelho vivo “em homenagem ao México”. Dennis Sheehan já foi adiantado para o LAX (Aeroporto de Los Angeles) para deixá-lo preparado. Uma limusine espera do lado de fora. Eles ficam olhando para as paredes e murmuram, dão uma cochilada e balançam a cabeça, sentam-se novamente e resmungam ainda mais.

Finalmente, Bono organiza os seus pensamentos o suficiente para exigir saber por que eles têm que ficar aqui sentados esperando para partir.

“Dennis disse que teríamos que sair às nove ou perderíamos o show”, Larry diz amargamente. “Agora vejam! São nove e meia”.

Todos resmungam e concordam. “E ele ainda se pergunta por que não acreditamos nele”, diz Bono. Todos grunhem e concordam.

De repente, Edge abre um dos olhos. “Onde está o Dennis?” ele pergunta. “Ele foi para o aeroporto”. Larry dá de ombros.

Há um velho ditado da Nova Inglaterra que diz: *O amanhecer começa em Marblehead*<sup>1</sup>. Os quatro membros do U2 se olham estupidamente. Finalmente Bono fala: “Estamos esperando por um telefonema que nunca acontecerá?” Eles olham um para o outro. Finalmente, Bono levanta e vai falar com o motorista da limusine. O motorista estava esperando pelo U2 enquanto eles, acostumados a serem transportados como valiosíssimos pandas, estavam esperando que alguém viesse pegá-los. Eles agora correm o risco de perder o único vôo que pode levá-los para a Cidade do México a tempo para seu show de hoje à noite. Eles saltam e correm para o carro.

Eu acho que deveria haver música tocando e acho que teria que ser algo como “*Aqui vamos nós, descendo pela estrada...*”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Originalmente em inglês “*Dawn breaks on Marblehead*”, essa expressão normalmente se refere ao ato de perceber de repente algo que era muito óbvio, ou que todo mundo já sabia.

<sup>2</sup> Trecho da música *Theme From The Monkees*.

No carro, Bono sofre para conseguir que a TV mude os canais, mas ela fica emperrada em um desses comerciais de auto-ajuda que duram meia hora. Finalmente, exasperado, Bono diz: “Edge, você é o cientista, consegue fazer isso funcionar?” Edge se inclina e tenta mudar de canal. Cada vez que ele consegue mudar, soa um click e a TV volta ao anúncio de auto-ajuda. Isso é muito estranho. Edge se abaixa e mexe nos botões, com a testa tão enrugada de dedicação quanto Louis Pasteur no seu bico de Bunsen, sem saber, assim como Bono, que Larry está sentado com um controle remoto sobre a perna, mudando de volta para o canal cada vez que Edge consegue mudá-lo.

Por fim, acabam desistindo e aceitam o info-comercial. “É uma pena não poder ter TV a cabo em um carro”, diz Larry. Então o baterista pergunta se alguém já assistiu alguma vez o Canal de Pesca. “Muita conversa sobre varas de pescar e anzóis e aquele peixe que escapou”.

Bono diz: “Eu prefiro o canal ‘passear de bicicleta, gostar de barcos e viver com a namorada há doze anos.’”

Larry suspira e revira os olhos. Edge pergunta sobre o que eles estão falando. Larry explica que Bono está resumindo a descrição da fotinho dele na última reportagem de capa da revista Vogue sobre o U2. Mais uma vez uma jornalista que teve acesso a toda a banda foi para casa e escreveu uma história repleta de Bono, com algumas poucas, sábias parábolas sobre Edge e dedicou a Adam e Larry aproximadamente o mesmo número de palavras que aparecem na parte de trás de uma figurinha de chiclete. Bono diz eufemisticamente: “Ela pintou Larry com traços ousados”.

Adam sorri e diz para o mal-humorado Mullen: “Pelo menos não foi você que ela chamou: ‘bonitão de um jeito feio’.”

No aeroporto, Dennis Sheehan cumprimenta o U2 em frente a um esquadrão de agentes de segurança, do tipo que bate continência, não visto desde que Ferdinand Marcos atrelou sua carruagem para levar uma estrela. O U2 passa apressadamente através de detectores de metal, sobe por um elevador particular, para a sala da primeira classe e dali para uma espécie de super exclusiva sala de espera privada, conhecida apenas por superstars ou espiões torturados. Lá eles voltam a se reunir com o empresário deles (que nestas circunstâncias é referido simplesmente como “M”<sup>1</sup>).

Não é uma longa espera - todos já embarcaram naquele avião para o México e ele está pronto para decolar. A mulher encarregada de transportar celebridades pelo LAX aparece para escoltar a banda até a cabine da primeira classe. Ela diz para Bono que foi até a Flórida para ver o primeiro show e que ficou em pé em cima da cadeira no show de Los Angeles: “Eu acho que se poderia dizer que sou uma fã”. No elevador, Bono percebe que deixou para trás os seus óculos “the fly”. A mulher saca o seu walkie-talkie e põe o seu esquadrão de seguranças para vasculhar a sala de espera, o banheiro, o lounge. Agora, tenha em mente que Bono perde tudo. À uma hora atrás, Edge pegou o livro que Bono deixou no carro e, agora mesmo, McGuinness encontrou o mesmo livro abandonado numa mesa no andar de cima. Então quando Bono diz que perdeu os óculos: “Isso é inacreditável!”, seus companheiros de banda o corrigem.

---

<sup>1</sup> M de manager.

“Não, Bono”, diz Larry, “não é inacreditável”.

Adam alega: “Não é incomum”.

Edge acrescenta: “Não é raro”.

Larry ressalta: “Não é nada surpreendente”.

O U2 é levado à primeira classe e Bono senta no corredor do avião, lamentando seus óculos “the fly” perdidos. Há um burburinho entre o piloto e a tripulação da cabine, a porta do avião se abre e a moça do aeroporto que adora o U2 entra correndo porta adentro, com os óculos de Bono na mão erguida. Ele beija a mão dela e ela diz: “Eu te falei sobre Santo Antônio!”<sup>1</sup>

Durante o vôo, McGuinness explica que esse não é apenas o primeiro show do U2 no México, é o primeiro show deles em um país do Terceiro Mundo. O promotor local é um americano ligado ao gigante do entretenimento MCA/Winterland que está tentando abrir a Cidade do México para shows de rock regularmente. Ele fez certa pressão em Paul para que se realizassem esses shows. Foi negada ao U2 uma apresentação em estádio ao ar livre - as autoridades mexicanas estavam com medo. Em vez disso, eles irão tocar duas noites numa arena coberta.

Dormimos durante toda a viagem. Quando meu relógio diz que está quase na hora de aterrisar eu presumo que algo está errado: não há subúrbios nem bairros de periferia, não há qualquer tipo de vida no espaço árido abaixo de nós. Creio que devemos estar pelo menos a uma hora de distância do nosso destino. Então passamos sobre uma abrupta erupção de altas montanhas, atravessamos as nuvens, avistamos uma *fumaça sagrada*, e pudemos ver na bacia entre as montanhas uma cratera aparentemente sem fim, preenchida com a maior área urbana que eu já vi. E nós voamos sobre ela e voamos sobre ela e voamos sobre ela; parece não ter fim. Mesmo as maiores metrópoles - Nova Iorque, Londres, Hong Kong - cobrem apenas uma pequena área quando vistas de cima. Você sobrevoa cidades satélites e áreas semi-desenvolvidas por um tempo, antes que a grande cidade apareça. Não este lugar! A Cidade do México é, populacionalmente, a maior do mundo. Circundada por montanhas acidentadas, ela não tem periferia. Você está num deserto e de repente você está na área urbana e a área urbana parece não ter fim.

Parte dessa vastidão é resultado da falta de arranha-céus. É como se Deus tivesse alinhado Nova York, Chicago, Houston e Toronto, como se tivesse cortado todos os edifícios altos até a altura de três ou quatro andares e então os tivesse arremessado através do horizonte. A população aqui é estimada em vinte milhões, mas ninguém finge ter uma ideia real; é incontável. Além de ser a capital do México, é um ímã para os refugiados que fogem de dificuldades políticas e econômicas de toda a América Latina. A Cidade do México é o centro cultural de todas as nações entre o Texas e o Polo Sul.

A cena no aeroporto é como o filme *A Hard Day's Night*, dos Beatles. Há fãs espremidos contra os vidros do terminal, com vista para a pista, e umas vinte e cinco ou trinta garotas gritando - filhas

---

<sup>1</sup> O santo das coisas extraviadas.

dos figurões que mexeram os pauzinhos - berrando pelo U2 na pista. A gritaria aumenta quando o U2 desce as escadas para a pista. Há duas limusines que parecem ser de segunda-mão esperando. Adam e Larry, como é seu hábito, vão direto para os carros, enquanto Edge e Bono, como é seu costume, vão até lá, posam para fotos e dão autógrafos enquanto os abençoados desmaiam eufóricos pela proximidade. (Larry uma vez acusou Bono de dar autógrafos para obter um impulso ao seu ego, o que irritou Bono profundamente. “Sim, eu realmente *aprecio* dar autógrafos e posar para fotos depois de viajar por sete horas”, Bono respondeu rispidamente. Ele me disse: “Eu simplesmente acho impossível ignorar as pessoas que estavam esperando por você e depois passar por elas numa limusine”.)

Ei, nenhum passaporte verificado ou bagagem examinada por aqui! Uma guarda de honra de policiais locais em motocicletas antigas se aproxima para escoltar as duas limusines exageradamente grandes pela pista e para fora do aeroporto. O primeiro carro arranca e o segundo o segue - apesar de Paul McGuinness ter um pé dentro do carro e o outro fora, pendurado na porta para sobreviver e saltando ao lado do carro enquanto Sheila Roche, do Principle, grita para o motorista parar. Os carros são muito baixos e pesados para passarem pelas lombadas que surgem a cada cem metros, de modo que, em cada lombada os policiais das motos descem, sopram seus apitos, param o tráfego em cada direção e esperam enquanto as limusines tortuosamente viram vinte e dois graus e atravessam calmamente os obstáculos asfálticos, uma roda de cada vez. Eu me atrevera a dizer que poderíamos ir para onde quer que estivéssemos indo mais rápido do que isso, entretanto isso privaria aqueles de nós, no segundo carro, da diversão de assistir a tampa do porta-malas do primeiro carro abrir e fechar enquanto várias malas de viagem do U2 saltam no ar como felizes appaloosas<sup>1</sup>. McGuinness suspira e diz: “Bem-vindos ao Terceiro Mundo”.

O tempo exige que o U2 arraste o traseiro direto para o Palácio dos Esportes, e para o show dessa noite. Os carros abrem caminho através dos animados fãs, passam por um portão guardado por muitas seguranças alertas, entram por uma porta de uma garagem que é aberta e fechada rapidamente e vomitam o U2 no ventre empoeirado da raquítica e antiga arena. Pelo lado de fora, o lugar parece uma enorme carapaça de tatu. Por dentro é sujo, feio e enferrujado. A plateia no chão está amontoada em cadeiras baratas de plástico vermelho, do tipo que você encontra numa apresentação do CPM (Círculo de Pais e Mestres) numa escola pobre... B.A.D., a banda do show de abertura do U2, está sacudindo o lugar quando chegamos. Os corredores estreitos estão cheios de bitucas de cigarro, embalagens de sorvete, e chicletes. Vendedores caminham no meio da multidão gritando “sorvete” e “refrigerante” em espanhol, por cima da música.

Eu vagueio pelas seções superiores do recinto enquanto B.P., esplendoroso em sua capa e chapéu de Zorro, atira o público entusiasmado com “Be My Baby”. Os assentos que sobem pelas laterais da arena são velhos e balançam. Os banheiros são sujos. Parece ser um lugar onde alguém pode se machucar. Eu volto para o piso de baixo, para um assento não muito longe da mesa de som, bem na hora do U2 entrar. Quando as luzes se apagam, o público, já selvagemmente estimulado,

---

<sup>1</sup> Appaloosa é uma raça americana de cavalo, conhecida principalmente pelo padrão de sua pelagem, que por vezes lhe confere o apelido de "cavalo-pintado".

sobe em cima das cadeiras. Eu também subo. Lembro-me desse tipo de energia intensa e sobrecarregada dos dias do punk e preparo minha cara de mau e os meus cotovelos, que apontam para fora, preparados para duas horas de empurrões, insultos e olhares tortos.

E deixe-me lhes dizer uma coisa - eu estou cheio dessas bobagens sobre gringos. O U2 surge e enquanto o nível de energia é tão alto e selvagem quanto em um dos primeiros shows do Clash, a gentileza e a generosidade aberta do público me lembra o auge de Joni Mitchell. É realmente algo para sentir. O pulso dos fãs deve estar triplicado, eles estão freneticamente entusiasmados - mesmo assim eles são tão cuidadosos e atenciosos uns com os outros que eu me sinto o maior cínico desde que duvidei de Thomas. Eu deveria ter vergonha de mim mesmo. Ainda bem que encontrei a equipe da cozinha no backstage enchendo as garrafas de Evian com água local ou eu teria julgado mal a natureza humana completamente.

Zapeando pelas telas da Zoo TV, Bono encontra uma partida de futebol e anuncia o placar: "México dois, Costa Rica um!" A galera explode e começa a cantar uma música de torcida: "México! México! México!" Quando Larry se levanta e tira a camisa, ele ganha muitos aplausos. Quando ele veste a camisa da seleção do México os aplausos se transformam numa ovação.

No palco B, Bono está tão emocionado que começa a cantar "La Bamba" enquanto Edge o acompanha e Larry e Adam simplesmente olham para ele. Quando o rosto de Lou Reed aparece no telão durante "Satellite of Love", Bono e Edge olham para ele como adoradores na estrada para Damasco. Eu adoro este filme do Reed porque mostra seu rosto real, não jovem e bastante gentil. Lou se esforça tanto para projetar uma imagem de homem durão que ver o seu lado privado exibido em público é um prazer.

"Bob Marley era do México, certo?" Bono grita enquanto o público aplaude. "Bem, ele poderia ter sido". Bono toca "Redemption Song" enquanto milhares de isqueiros se acendem e apagam juntos em perfeita sincronia. Então, durante "Sunday Bloody Sunday", uma grande coruja voa pela arena e pousa nas luzes de uma viga, olhando para baixo, para o espetáculo, como o próprio Espírito Santo. Eu ouço vários membros maldosos da equipe fazendo planos para pegar um rato amanhã e atá-lo ao chapéu do B.P. logo antes de ele entrar para ser DJ. Eles querem ver se a coruja vai levá-lo embora.

Depois do show Bono está encantado. "Eu me sentia completamente vazio antes de ir para lá", ele diz, "mas é uma coisa engraçada. Aquele público me envolveu e nós viajamos na energia deles como se estivéssemos surfando em uma onda. Disseram-me que os shows aqui irão melhorar a cada noite, mas eu não vejo como isso pode ser possível".

A nova personagem roqueira de Bono se estende ao encontro pós-show onde ele veste um horrível casaco de smoking de pelos para se misturar com os influentes do show-biz que estão esperando para comer batatas fritas e apertar sua mão. Esta noite, há muitos convidados. Estrelas dos Estados Unidos, que voaram para o final da turnê de 1992 e para a primeira visita do U2 ao México. Esperando na ante-sala está Chris Blackwell, o fundador da Island Records, o selo do U2. Blackwell é um personagem lendário na indústria da música, um britânico loiro que se apaixonou pela música jamaicana e criou uma gravadora inglesa para o reggae, trouxe Bob Marley para o mundo e no final dos anos 60 e 70 ergueu um império para além do reggae com artistas como Traffic, Free e CatStevens. Também nessa noite estão Frank Barsalona, o agente

americano do U2 e sua parceira Barbara Skydel. E aqui vem Rick Dobbis, presidente da PLG, a nova companhia multi selos, formada pela Polygram, a multinacional que comprou a Island de Blackwell há alguns anos atrás. Bem, há suficiente poder do mundo da música nesta sala para ressuscitar Milli Vanilli e transformar o Kajagoogoo no próximo Led Zeppelin, caso esse poder fosse corrompido pelo mal.

Essas figuras têm todos os motivos para fazer fila para acender o pequeno cigarro de Bono esta noite. Com mais um show para acontecer antes do descanso de Natal, as estatísticas do U2 para os primeiros dez meses de 1992 são assim: mais de 10 milhões de cópias do Achtung Baby vendidas, 5 singles no topo, 2,9 milhões de ingressos vendidos para a Zoo TV tour (106 shows em 84 cidades em 12 países), 87.894 km viajados até agora. Só as milhas do programa passageiro frequente são suficientes para pagar por essa expedição. Após os indispensáveis apertos de mão e os gracejos com os poderosos e dignatários locais, Bono e Edge se retiram para ir lá fora na cerca onde os fãs estão esperando e dar autógrafos e tirarem fotos com eles. Então, de volta para a limusine e para a noite.

A gente faz um pit-stop de vinte minutos antes de nos reagruparmos para uma noite na cidade. O Hotel Nikko é elegante e alto, com vistas panorâmicas da cidade iluminada dos andares superiores, uma teia de luzes girando em todas as direções. Existe um mundo completamente secreto pela qual os famosos e poderosos viajam, delimitado pelas salas especiais e escoltas em aeroportos e ainda mais pelos andares privativos de luxuosos hotéis. Num lugar como esse há elevadores especiais que levam os privilegiados para à sua privacidade nos andares restritos com seus próprios balcões de atendimento, seus próprios saguões, seus próprios mordomos - para que os famosos e poderosos não tenham que se misturar com os que são só meramente ricos.

Não tenho tempo para divagar sobre tais observações! Preciso escovar os dentes, trocar de camisa e voltar lá para baixo sem ao menos quebrar o lacre da tampa da minha privada. Eu pego a minha chave com o balconista na recepção secreta e encontro o meu quarto onde compartilho uma emotiva reunião com a minha bagagem. O melhor de viajar com grandes personagens como o U2 é que a sua bagagem desaparece do seu quarto de hotel em um país e reaparece em seu quarto no próximo, sem que você a veja se mexer. O ruim é que algumas vezes, como me aconteceu essa semana, minha mala foi pega e despachada junto com as bagagens do Principle e da equipe, que veio para o México dois dias antes da banda, com quem eu tinha ficado junto. Quando eu voltei para o meu quarto no Sunset Marquis me encontrei com nada além da camisa que eu vestia. Eu caminhei até a única loja a qual se podia chegar caminhando e que estava aberta a noite, uma loja de artigos esportivos especializada em agasalhos com imagens do Charles Barkley. Estou feliz por ter de volta as minhas verdadeiras roupas; estou cansado de bater nas mãos de garotos do basquete.

De volta lá embaixo, todo mundo se amontoa em carros e vans para irmos a uma área popular que os Principles já tinham avistado. Nosso motorista arranca com a porta de trás aberta e um membro da equipe com metade do corpo para fora, gritando.

“Eu estou muito impressionado com a Cidade do México, devo dizer”, declara Edge enquanto viajamos, e ele disse uma grande verdade. Você sempre ouve sobre a terrível pobreza, a

espantosa poluição e a feiura desse lugar - e sem dúvida há muito de tudo isso nessa eterna (quilométrica) cidade. Mas, ninguém fala sobre as partes da cidade como aquelas que estamos passando agora, que se parecem com o que Washington D.C. seria se roubassem uns dez ou vinte dos melhores prédios de Roma. Há belos parques e avenidas separando grandiosos edifícios e monumentos de pedras brancas. Há fontes e estátuas iluminadas e praças urbanas imaculadas. Aqui se aprecia também uma grande influência do estilo mouro na arquitetura, sugerem minaretes. Eu não acredito que estamos na América do Norte.

Suponho que a maioria dos relatos sobre o aspecto melancólico da Cidade do México vem de turistas que vivem em comunhão com a natureza nos desertos e no litoral e então dirigem até aqui por quilômetros através das favelas ou que apenas vêm a área em redor do aeroporto no caminho para os resorts. Ou talvez seja apenas o preconceito do norte europeu contra a cultura espanhola, transmitido do Velho Mundo para o Novo. Eu não sei. Só sei que a Cidade do México é linda.

Acabamos sendo depositados num luxuoso restaurante/discoteca de vários andares, no que parece ser a parte da cidade onde as coisas acontecem. Adam, Bono, Edge e Larry pegam uma mesa juntos e sentam-se rindo e conversam por algumas horas. McGuinness, na mesa ao lado, salienta que uma das coisas mais incomuns sobre o U2 é que os quatro ainda preferem a companhia um do outro ao de qualquer outra pessoa, e depois de tantos anos juntos ainda não lhes falta coisas para filosofar, rir ou encher o saco um do outro.

O U2 é colocado em frente a uma elaborada (e ousado dizer, intelectual) iluminada cena do Nascimento. Preenchendo o quadro em tamanho natural, há esculturas enormes da Sagrada Família acompanhada pelos usuais anjos e reis magos, mas acrescida aqui por um cowboy entre os pastores, um elefante entre as ovelhas, e um grotesco demônio voador com asas de morcego mostrando a língua para o menino Jesus. Agora, não seria difícil descobrir que quando William Butler Yeats escreveu "A Segunda Vinda" ele não estava esculpindo uma grande metáfora profética para o século XX, mas estava simplesmente bebendo em um restaurante mexicano como este e descrevendo uma escultura como aquela? Improvável? Talvez, mas provavelmente digno de valor para obter uma graduação avançada em algumas dessas pequenas universidades. Os quatro membros do U2 sentam-se gargalhando, sem notar o quadro vivo em frente ao qual são colocados. Vou lhes dizer, entretanto, que se o centro não for firme, aquele demônio voador, no seu frágil fio, vai aterrisar exatamente na cabeça de Adam. Ele vai erguer-se do chão perguntando: "Que tipo de besta selvagem é essa?"

O restante do Principle e da equipe da Zoo se espalha pelos salões, alguns comendo, outros dançando, a maioria bebendo. Sheila Roche, uma imigrante ilegal irlandesa que trabalha para Ellen Darst em Nova York, está triste porque Ellen lhe entregou um pedido de demissão. A mulher que guiou o U2 através das turnês em clubes e entrevistas de rádio quando eles vieram pela primeira vez nos Estados Unidos, que ensinou Paul McGuinness sobre o negócio da música dos EUA e que pelos últimos oito anos tem estado encarregada da operação americana do Principle, se cansou da estrada e aceitou um trabalho com a Elektra Records. Ela adiou a decisão até o final da turnê americana, mas agora Ellen está dizendo adeus e Sheila, que se mudou de Dublin para Nova York para trabalhar com Ellen, vai sentir falta dela. Keryn Kaplan, a segunda no comando abaixo de Ellen por muito tempo, tomará o seu lugar. Um dos legados de Ellen é o

número de mulheres no poder. “No escritório de Nova York temos apenas um homem”, Sheila sorri. “O recepcionista”.

Apesar de todo o crédito dado ao U2 e a McGuinness por empregarem tantas mulheres, no entanto, ouvi a opinião de uma minoria que diz que, enquanto todas as mulheres desempenham papéis de apoio, funções delicadas, todas as decisões criativas são tomadas por homens. O Principle mantém valores patriarcais sob o brilho de ser progressista e não-sexista. É difícil resolver isso; é muita coisa para os olhos do espectador. Eu não vou negar que muitas das mulheres ao redor do U2 são gentis, pessoas amáveis, *mas o U2 também é*. Há pessoas no mundo da música que dirão a você que Ellen Darst e/ou Anne-Louise Kelly são os verdadeiros cérebros dessa roupa e McGuinness costura a bainha. Sem dúvida há outras pessoas que assumem que Paul, o cara, deve fazer todo o trabalho intelectual e as mulheres no comando são apenas secretárias glorificadas. As pessoas vêem o que querem ver. Se o discurso contra as mulheres do Principle é porque elas são muito gentis e amáveis, talvez elas tenham feito mais progresso ao feminizar as percepções do U2 do que poderiam ter conseguido se tivessem adotado os chamados *valores masculinos*.

Suzanne Doyle, a assistente do agente da turnê, surge indignada perguntando por Larry. Parece que ele repreendeu um membro da equipe por algo que não foi, diz Suzanne, culpa do cara e ela quer que ele se desculpe. É uma hierarquia incomum essa que o U2 criou, onde as pessoas que trabalham para eles têm o direito de lhes dizer que eles estão se enchendo de vaidade e trazê-los de volta a terra quando as suas cabeças grandes começam a interferir nas operações ou na moral. Sempre me surpreendo que, longe de me tratarem como o garoto novo na escola, os membros da equipe que eu mal conheci me cumprimentam pelo nome, me dão tapinhas nas costas e me convidam para me juntar a eles quando vão à procura de diversão. Esse tipo de generosidade é raro em turnês de rock.

“Isso vem de cima para baixo”, diz Sheila. “Bono me disse que se algum figurão alguma vez vier ao backstage e me incomodar, posso mandá-lo se foder. Você tem idéia do tipo de alívio que isso é? Algumas pessoas (Los Angeles é a pior quanto a isso) são tão grosseiras. São tão exigentes e ingratas. Elas ganham ingressos de cortesia e se elas vêem alguém com ingressos de cortesia melhores que os delas, ficarão chateadas conosco. O prestígio delas é determinado por quão bons são os lugares grátis que elas têm!”

No quarto ao lado, Joe O'Herlihy, o técnico de som da banda, se agita com a música disco em seus ouvidos. Joe está com o U2 desde 1979, antes de eles terem um contrato com uma gravadora. Descontraído, simpático e dono de bigodes que fazem as barbas do ZZ Top parecem babadores de bebês, Joe começa a contar a história de como ele fez para chegar até Dublin para o nascimento do seu quarto filho. Joe perdeu a chegada dos seus três primeiros filhos anos antes, porque ele sempre estava na estrada com bandas de rock. Ele prometeu à esposa que estaria ao lado dela quando este bebê nascesse. O U2 estava filmando um show em Virgínia para o Rattle and Hum quando chegou a notícia de que sua esposa na Irlanda havia entrado em trabalho de parto. Joe mudou o rumo, mas o U2 estava preparado para uma evacuação repentina. Joe foi levado às pressas para o aeroporto e voou para Nova York. Ele ligou do JFK e ouviu pelo telefone: “Está nascendo!” Ele correu para o Concorde e passou as quatro horas do voo supersônico caminhando pelos corredores, olhando o indicador de velocidade e rezando: “Mais rápido, mais



rápido, mais rápido!” Pousando em Londres, ele correu para outro telefone. “Ela está no hospital! Depressa, Joe!” Ele correu para o portão de embarque para a Irlanda e pegou o próximo avião para Dublin, correu para o hospital, recebeu um roupão sanitário para colocar por cima das suas roupas fedorentas, invadiu a sala de parto, empurrou a atendente para o lado e disse à esposa que ele estava lá. Dez minutos mais tarde, ele estava segurando sua nova filha nos braços, chorando e chorando. Dois dias depois, ele estava atrás de sua mesa de som em Temple, Arizona, mixando o U2.

“Essa foi a primeira vez em toda a turnê que a banda teve a chance de se sentar e contar uns aos outros suas histórias de estrada”, Bono determina quando a festa começa a acabar. “Nós damos um ao outro espaço na estrada e, quando voltamos para Dublin não nos veremos muito”.

“A única chance que temos de fazer isso é quando nós quatro viajamos numas pequenas férias sem ninguém”, Adam concorda. “Então retornamos ao usual: Edge faz todos os planos, Larry cuida do dinheiro e Bono é o relações-públicas - ele interage com as outras pessoas”. Eu não pergunto, mas supomho que o trabalho de Adam é trazer as garotas.

Adam não é do tipo que deixa um bar enquanto as bebidas ainda estão rolando, mas às 3:40 da manhã os outros três do U2 estão prontos para encerrar a noite. Quando eles saem, a rua está cheia de garotos gritando, abanando folhas para ser autografadas, se empurrando em direção à banda e batendo na limusine. Bono entra no carro primeiro e o motorista dá a partida, espalhando os fãs e deixando Larry e Edge para trás, no meio da multidão. Bono grita para o motorista reduzir a velocidade e voltar. Edge e Larry caem no carro com os fãs puxando-os.

Larry está limpando a bochecha.

Bono diz, “Alguém te beijou, Larry?” “Sim”. Larry está irritado. A garotada lá fora está gritando: “Eu te amo!” Larry repete sarcasticamente e acrescenta: “Vocês nem me conhecem”.

Bono diz para Larry relaxar. Larry diz que amor é uma palavra poderosa. “Você é tão pedante”. Bono sorri. Bono começa a baixar o vidro para apertar a mão de alguns dos garotos.

“Não, Bono, não!” Comanda Edge, como se falasse a um cão. “Alguém pode se machucar!”

Eu reconheço toda essa cena lembrando uma viagem com o U2 em uma turnê pelo sul da França em 1984. Larry subiu no ônibus, incomodado porque algumas auto-intituladas bruxas entre a garotada lá fora, haviam feito uma boneca vodu dele, o que ele não achou nada engraçado. Bono estava acenando pela janela para os fãs franceses do U2 enquanto o ônibus se afastava e continuou acenando para os pedestres confusos e mesas de restaurante nas calçadas enquanto viajávamos lentamente através de Toulouse. Eu me lembro do Edge repreendendo-o: “Bono! Pare de acenar para espectadores inocentes!” Tudo no mundo do U2 mudou desde então, exceto a relação entre eles.

Outra coisa que provavelmente nunca mudará é o motorista mexicano que pensa que é Mario Andretti. Enquanto a equipe do U2 está abrindo o porta-malas para colocar a bagagem de mão da

banda lá dentro, nosso motorista novamente dá um golpe no acelerador, arrancando com o porta-malas aberto e a equipe da Zoo TV agitando as malas, correndo atrás do carro rua abaixo.

---